OS GNOMOS
conto
ivan antunes martins

OS GNOMOS

IVAN ANTUNES MARTINS

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

O Autor gostaria imensamente de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br**
Estamos à espera do seu e-mail.

www.terra.com.br/virtualbooks

OS GNOMOS

IVAN ANTUNES MARTINS

Acreditar em rosas é
o que as faz florescerem.

ANATOLE FRANCE

Estavam cerca de 60 quilômetros de Canela. Os dois, no seu fuquinha cor de caramelo. Riam, contavam piadas e se divertiam durante a viagem. Eram dois rapazes com destino à pequena cidade da serra gaúcha para trabalharem no "Sonho de Natal". Quem os visse não descobriria que eram dois gnomos! Sua aparência era a de dois homens comuns. Assim costumavam andar quando de sua permanência na Terra. Não queriam escândalos, Imprensa e outras manifestações de surpresa dos habitantes ignorantes desse mundinho incrédulo. Fossem eles revelarem suas verdadeiras identidades e estavam ferrados! Talvez até fossem parar no xilindró. Por isso mesmo guardavam a fisionomia e o corpo de jovens bonitinhos, filhinhos de papai rico. Até que, no que se referia ao comportamento, não precisavam fingir nada pois tinham o mesmo espírito malandro e divertido. Aquele espírito, que têm os jovens, sempre prontos para sacanear alguém, só para rirem da cara da vítima. Os gnomos são assim.

E assim rodavam pela estrada que, num dia útil de semana não tinha muito movimento. Foi quando deram com um homem sentado numa pedra à beira da rodovia. Tinha aparência humilde dos colonos da região e parecia estar caminhando há muito tempo. Cléopas, um dos gnomos falou para o outro: "Vamos dar carona para esse colono e nos divertirmos bastante até chegarmos?" O outro concordou de imediato.

O homem agradeceu a carona oferecida e embarcou logo. Realmente estava cansado. Na verdade tinha caminhado bastante e ainda faltavam sessenta quilômetro para chegarem a Canela, embora ele devesse seguir adiante. "Não importa, até Canela já me ajuda muito. Lá eu pretendo tomar uma condução". E acomodou-se no banco traseiro. "Mas não corram muito, advertiu."

- "Ora, não se preocupe. Esse fuca é uma carroça! Estamos acostumados a dirigir trenós, puxados por renas através das núvens..." - disse Cléopas, muito seriamente, olhando para ver a cara do velho.

O colono sorriu e não disse nada. A viagem prosseguiu. De repente ele perguntou: "Vocês não têm nada para se comer? Estou com uma fome danada!" Ao que Cléopas respondeu: "Temos sim mas não creio que vá gostar do que costumamos comer." E passou para o colono uma cestinha de vime, coberta com um guardanapo vermelho-xadrez. Ele afastou o guardanapo e olhou com uma cara de espanto. "Mas isso são flores! Vocês costumam comer isso?" O que estava na direção deu uma risada e Cléopas continuou: "Claro, o senhor não sabe que os homens estão descobrindo agora que as flores são produtos excelentes para alimentação e também para curar as doenças? Já ouviu falar dos Florais de Back?" O colono sorriu amarelo e começou a mastigar pétalas de rosas, margaridas, girassóis e outras. Havia uma grande variedade na cestinha. Cléopas o ajudou comendo também e passando algumas para seu companheiro.

- "Parece que não conseguimos apavorar muito o cara", segredou Cléopas para o motorista. Foi quando o motor do carro começou a tossir e, aos poucos, foi parando. O que estava na direção alardeou: "Acabou a gasolina! Esquecemos de encher o tanque desta droga!"

- "Não esquenta!", disse Cléopas,"Olha ali, junto aquela rocha, há uma vertente de água purinha. O senhor faça o favor de me alcançar um garrafão de vinho vazio que tem aí atrás do banco."

Cléopas voltou com um garrafão cheio d‘água. O outro abriu o capô e ele entornou a água no tanque de gasolina. Ficou olhando a cara do colono enquanto concluía a operação."Pronto. Podemos ir adiante, minha gente!" O motor foi acionado e o fuca saíu rodando normalmente.

O resto da viagem o colono permaneceu calado, sem qualquer pergunta. Encucado com o fato, Cléopas, voltou à carga: "O senhor não sabia que a melhor gasolina é a água de fonte?" O colono meneou a cabeça, mas não falou nada.

Estavam chegando em Canela e pararam diante de uma pousada. A noite tinha descido e a cidade estava toda iluminada com as lâmpadazinhas da decoração de Natal. O homem desceu do carro e agradeceu. Tinha de continuar andando. Seu destino era mais adiante. Cléopas e o outro gnomo se apiedaram dele e insistiram em que ele ficasse. Vamos jantar, dormir um bom sono nesta pousada. Amanhã o senhor continua sua viagem. Não se preocupe com as despesas. Dinheiro não nos falta e se abaixou juntando algumas folhas no chão que logo se transformaram numa boa quantidade de notas. Mas estava escuro e Cléopas achou que o colono não tinha percebido mais aquela proeza.

Durante o jantar, que o carona insistiu que não fosse de pétalas e sim um bom galeto com vinho, disse que precisava partir cedo. Tinha muito trabalho a fazer durante os próximos dias. Os dois também disseram o mesmo: "E nós? Não queira saber o que temos de trabalho no Natal! "Vamos lhe confessar a verdade," disse Cléopas com ar misterioso, "Somos gnomos, auxiliares de Papai Noel!"

- "Ah, exclamou o colono, muito interessante!"

- "E então, o senhor não se espanta com isso? Acredita na existência dos gnomos, ajudantes de Papai Noel?"

- "Claro que acredito. Não fossem eles como se arranjaria o bom velhinho?

- "Não vai dizer que acredita em Papai Noel, também?"

- "Bem, aí já é preciso ter um pouco mais de imaginação. Sabem, eu acho que Papai Noel é uma figura que os gnomos inventaram para esconder o seu trabalho durante o Natal. Mas é bom que as pessoas acreditem na existência real de uma figura imaginária. É preciso acreditar em milagres. É preciso acreditar nos sonhos. Só assim eles podem se realizar..."

- "Não senhor. Não é invenção não. Papai Noel existe em carne e osso! E vou lhe dizer uma coisa: a oficina principal dele aqui

no Sul é em São José dos Ausentes." - argumentou o gnomo motorista que era meio caladão.

Durante a noite, enquanto repousavam, Cléopas segredou para o seu companheiro: "Esse cara está gozando com a nossa cara. Ele fingiu que acreditou que somos gnomos..."

De manhã muito cedo, recém amanhecendo, Cléopas ouviu um ruido e levantou a tempo de ver, pela janela do quarto, o velho saindo pela porta da pousada, embarcando num trenó puxado por quatro parelhas de renas que alçaram vôo, tomando o rumo de São José dos Ausentes...

(Inspirado em Lc. 24.13)

Ø

Sobre o Autor:

Ivan Antunes Martins

Nascido em Porto Alegre, em 26 de março de 1931, apesar disso é um novo autor. Formado em Direito em 1962 e professor da UFRGS, desde 1964, escreveu diversos artigos sobre temas jurídicos. Agora, aposentado da Universidade, se dedica a escrever ficção.

Além de *Terapia de Cais,* já concluíu:
Outono Para Confundir (editado pela Bookweb),
Nocturne in Eb Mayor,
Os Indefesos,
Os Olhos de Lúcia,
Um certo Professor de Penal,
O Condomínio e outros, além de mais de uma dezena de contos.

Para corresponder com Ivan Antunes Martins escreva: ivanmar@terra.com.br